

Mário de Carvalho

*Se Perguntarem  
por Mim,  
Não Estou*

seguido de

*Haja  
Harmonia*

Teatro



O Campo da Palavra

**CAMINHO**



Mário de Carvalho

*Se Perguntarem*  
*por Mim,*  
**Não Estou**

seguido de

**Haja**  
**H***armonia*

Teatro

**CAMINHO**

O Campo da Palavra

**SE PERGUNTAREM POR MIM, NÃO ESTOU**  
seguido de **HAJA HARMONIA**  
(2.ª edição)

Autor: Mário de Carvalho

Capa: Design gráfico e ilustração de José Serrão

© Editorial Caminho, SA, Lisboa — 1999

Tiragem: 1500 exemplares

Impressão e acabamento: Tipografia Lousanense, L.<sup>da</sup>

Data de impressão: Junho de 2000

Depósito legal n.º 135 065/99

ISBN 972-21-1260-0

[www.editorial-caminho.pt](http://www.editorial-caminho.pt)

# HAJA HARMONIA

A obra de Haja Harmonia é um livro de receitas culinárias muito interessantes, com receitas de 1911 e com a seguinte descrição:

Indicação: AMARILLO, CILINDRO, MALPASTA

Encargado: Maria Jorgens

Encargado: José Carlos Jorgens

Encargado: Suely Jorgens

Encargado: Luís Jorgens

Encargado: José Carlos Jorgens

Encargado: José Carlos Jorgens e Silva

Encargado: Alberto Jorgens

Indicação e preparação

Indicação e preparação

Indicação e preparação

Indicação e preparação

Indicação e preparação

Indicação e preparação

Indicação e preparação

Indicação e preparação

Indicação e preparação

Indicação e preparação

Indicação e preparação

Indicação e preparação



A peça *Haja Harmonia* foi representada no Centro Cultural Malaposta, com estreia a 11 de Setembro de 1997 e com a seguinte distribuição:

Produção: AMASCULTURA-CDIAG/Teatro Malaposta

Encenação: Mário Jacques

Cenografia: José Carlos Barros

Figurinos: Susana Afonso

Música: Luís Cília

Sonoplastia: José Pedro Caiado

Desenho de luz: Manuel Costa e Silva

Coreografia: Aldara Bizarro

Intérpretes e personagens

Alexandre Ferreira: *Guarda, Indígena*

Ana Nave: *Olga, Filipa Simões Lopes*

Elisa Lisboa: *Mãe do director, Joana-a-Adivinhadora*

Elsa Valentim: *Mulher do director, Adelaide-a-Abençoadora, Ninfa*

Jorge Estreia: *César, Ireneu*

Jorge Gonçalves: *Chefe dos guardas*

Jorge Silva: *Director*

Luís Alberto: *Adalberto*

Mário Redondo: *Abel, Cavaleiro*

Victor Santos: *Bento, Lopes-o-Serrador*

**PERSONAGENS**  
*(por ordem de entrada em cena)*

**CÉSAR**

**BENTO**

**ABEL**

**GUARDA**

**DIRECTOR**

**CHEFE DOS GUARDAS**

**MULHER DO DIRECTOR**

**ADELAIDE-A-ABENÇOADORA**

**LOPES-O-SERRADOR**

**FILIPA SIMÕES LOPES**

**GONÇALVES-O-INDÍGENA**

**MÃE DO DIRECTOR**

**JOANA-A-ADIVINHADORA**

**IRENEU-O-EMPREENDEDOR**

**NINFA**

**ADALBERTO NEVES**

**OLGA**

**CAVALEIRO-DO-ALVO-CORCEL**



## 1.º Acto

*Uma sala de prisão, relativamente ampla. Miserável. Vários beliches. Armários velhos. Portas esquinadas que dão para uma retrete. Lavatório. Mesa tosca. Bancos, do tipo mocho. Ao fundo, porta de ferro com uma portinhola. Roupa a secar numa corda. À direita, porta estreita, com vassoura e balde encostados. Presume-se que é duma arrecadação. Grades e sombras de grades algures. Uma janela gradeada, ampla, e suspensa ao alto, dá para o público.*

*A sala prisional não tem tecto. Por cima: estrutura complicada, mesmo confusa, de madeira, com múltiplas passadeiras por onde se circula. À esquerda ao alto, o gabinete do director. Estante, fundo apainelado, um quadro preto. Várias portas. Há uma enorme lupa com que os presos de vez em quando (adlib) aproximam os objectos.*

*Os presos falam entre si. Chamam-se Abel, Bento e César. Em cena, Abel e César.*

*Um empregado de cena, descontraído, de bata de cotim, vem com um enorme pau e bate as «pancadas de Molière» em frente de toda a gente. Vai-se embora, assobiando.*

*Ruído de voo de mosca que César e Abel seguem com o olhar.*

CÉSAR *(palitando os dentes)*

Estou aqui, estou a olhar para aquela mosca e a pensar: Isto de voar é uma coisa muito importante, pá. Zum-zum, zum-zum, olha pra ela! Vai para onde quer, pá. Por que é que Deus deu asas e leveza às moscas, e a nós não, hem? É discriminatório, pá! Já viram o que era estar na prisão e ter asas?, zum-zum, zum-zum... É, pá! Um gajo empoleirava-se ali *(faz gestos)* e depois descia em voo ra-



sante e depois subia outra vez, e depois ficava naquele cantinho a olhar para vocês, e depois tornava a descer, depois pousava naquela toalha... Eh, pá... E podia ficar horas, horas numa sombra, a espreitar tudo, sem que ninguém desse por isso, eh, eh, eh!

*Ruído de autoclismo. Bento sai entretanto da retrete e deixa a porta semiaberta de maneira a ver-se de onde sai. Bento traz um jornal na mão. Vê a mosca. Dobra o jornal e de repente — plaf! — mata a mosca.*

CÉSAR (*irado*)

É pá, isso foi uma desconsideração! A minha mosca, pá!

*César vai apanhar a mosca.*

BENTO

A prisão fez-se para os homens. Não se fez para as moscas. Eu limitei-me a libertá-la, coitadinha... Tão pequenina e tão reclusa. Era uma injustiça, pá.

CÉSAR

Não tinhas nada que matar a minha mosca. A minha mosca era um paradigma, percebes? Esmagaste-me o paradigma. Era ou não era, Abel?

ABEL (*que cose*)

Deixa lá. Um paradigma falecido sempre é melhor que um paradigma vivo.

CÉSAR

Ai isso é que não é!!! Não é, não senhor!!!



BENTO

É pá, pronto! A gente faz o funeral da mosca, pá. Até é uma entretenga, pá. Eu até gosto de fazer funerais de animais, pá.

ABEL

E eu sei umas rezas porreiras...

*César, de mau humor, põe a mosca num caixote de lixo.*

ABEL

Chiu, escutem! Não ouvem os passos do guarda?

*Bento e César apuram o ouvido.*

BENTO

Não, ainda não são horas...

CÉSAR

Calma, não estejas impaciente.

ABEL

Impaciente, eu? Ora, impaciente...

CÉSAR

Conta lá outra vez.

ABEL

O quê?

CÉSAR

Aquilo que o juiz te disse...

ABEL

Disse-me assim: «Olhe, para ser franco, não gosto da sua cara! E vejo que não usa roupas de marca! Se me torna cá a aparecer torno-o pensionista permanente do Estado. Demodependente.»

CÉSAR

O quê?

ABEL

«Demodependente». São palavras lá deles. Fartam-se de ler livros...

BENTO E CÉSAR *(riem)*

«Demodependente...»

ABEL

Não achei graça nenhuma àquele juiz. O homem tem tendência para levar estas coisas excessivamente a sério... Não foi nada simpático. *(Indignado)* Eu fiz umas gaifonas, assim, assim, lá na sala do tribunal *(com ênfase)*, e o gajo nem se riu, pá!

CÉSAR

Problemas mal resolvidos... Infâncias maltratadas... Amores desesperados...

*Riem os três.*

BENTO

E tudo só por andares a dar pão aos peixes? Nem sequer



fizeste nada de mais grave? Sei lá, esfregar as mãos assim, freneticamente? Fazer olhos de carneiro mal morto? Sacudir o pó dos sapatos? Dar quatro pancadinhas no pedestal duma estátua?

CÉSAR

Ih, as quatro pancadinhas dão uma pena muita grande...

ABEL

Ná, foi só por dar pãozinho aos peixes.

BENTO

Ina, pá! O gajo foi severo. Se ao menos fosse qualquer coisa terrível, contar estrelas-cadentes, por exemplo...

CÉSAR

Ih, pá, isso é quase o mais grave de tudo...

BENTO

Dá quase cem anos, pá!

ABEL

Pois, mas, sabem, eu era reincidente naquilo dos peixes.

CÉSAR

Mas porquê?

ABEL

É uma tendência irresistível. Quando vejo um peixe desato a dar-lhe pão. Deve estar nos genes. Geralmente escapo, mas desta vez o polícia já me estava a espiar há



que tempos... Era um intelectual, aquele agente. Disse-me: «O senhor não sabe que é proibido dar pão aos peixes porque isso depaupera as reservas da nação, além de não ser um facto normal em democracia?» Eu nem respondi. Desatei logo a fugir. Mas ele foi mais rápido que eu... Cá estou.

BENTO E CÉSAR

Cá estamos!!

BENTO

Eu é que não tinha nenhuma possibilidade de fugir. Ia a andar a pé-coxinho e eles caem-me logo em cima, os três. Zás! Estavam indignados. Eram agentes muito jovens: «Então você não sabe que andar a pé-coxinho faz trepidação?» Mais sabia eu, mas disse que não. *(Encolhe os ombros)* A ignorância da lei não aproveita a ninguém... Bom, que se lixe!

CÉSAR

Eu apanhei uma juíza, aliás bonita... mas rancorosa. Disse-me ela: «O senhor já se compenetro da gravidade que tem exclamar “Gulp” no metropolitano?» E eu fiz-me artolas e respondi: «Mas a senhora doutora juíza acaba de dizer “gulp” no tribunal.»

BENTO

Quê?

CÉSAR

Gulp.



GUARDA (*off — aos berros*)

Eu estou a ouvir! Eu estou a ouvir! Não se pode dizer «Gulp» na prisão!

*Os presos riem baixinho.*

BENTO

Ah... (*Baixinho*) ouviram? Ele também disse «gulp!».

ABEL

E ela?

CÉSAR

Agravou-me a pena!

BENTO

Comichosa, hem?... Ah, se eu apanho o velhote que testemunhou contra mim, por eu andar a pé-coxinho... Ainda andei à procura dele, para lhe agradecer, mas... desapareceu. A pé-coxinho, imaginem, pá! A pé-coxinho, o gajo!!!

ABEL

Há gente capaz de tudo... E, depois, a pena também é um exagero. Há até países em que toda a gente anda a pé-coxinho...

CÉSAR

Na Suíça os gajos fartam-se de dar pancadinhas nos pedestais das estátuas, com os nós dos dedos, e não lhes acontece nada.